INDOSUEZ WEALTH MANAGEMENT

Documento de marketing

HOUSE VIEW

NOVEMBRO DE 2026

Índia: bem me quer, mal me quer



Architects of Wealth

01 EDITORIAL
O regresso dos custos de capital P3

02 MACROECONOMIA E ESTRATÉGIA DE INVESTIMENTO
O travão das obrigações P4

03 EM FOCO
Índia: bem me quer, mal me quer P8

04 PERSPETIVAS DE MERCADO
A vaga global de vendas de obrigações P10

05 MONITOR DE MERCADO
Visão geral dos mercados selecionados P12

06 CONHEÇA A EQUIPA P13

07 GLOSSÁRIO P14

08 TERMO DE RESPONSABILIDADE P15

01

EDITORIAL

O regresso dos custos de capital



Jérôme
VAN DER BRUGGEN
Chief Market Strategist

Estimada leitora, estimado leitor,

Esta edição do House View é a última de 2026 e, brevemente, voltaremos as nossas atenções para o novo ano que se avizinha. Mas não nos precipitemos, já que novembro tem a sua quota-parte de eventos importantes. Nas últimas semanas, os mercados continuaram a enviar uma mensagem que merece toda a atenção dos investidores. Por detrás das flutuações diárias dos índices bolsistas ou dos debates em torno das próximas decisões dos bancos centrais, está a emergir algo de mais fundamental: a evolução em alta dos custos de capital.

Durante mais de uma década, os investidores atuaram num contexto excecional. Taxas de juro muito baixas, por vezes até negativas, contribuíram para reduzir o custo do financiamento até níveis historicamente sem precedentes. Neste contexto, o tempo parecia jogar a favor de quase todos os ativos financeiros. Os governos podiam financiar défices significativos a baixo custo, as empresas contraíam empréstimos em grande escala para investir ou para resgatar as suas próprias ações e as cotações dos ativos financeiros beneficiavam de grandes prémios em antecipação de um crescimento futuro.

Mas tudo isto parece, agora, ser uma coisa do passado. É verdade que a inflação caiu para níveis bem abaixo dos picos observados após a pandemia, mas as taxas de rendibilidade das obrigações de longo prazo permanecem significativamente mais elevadas do que aquelas a que os investidores se tinham habituado. Mais importante ainda, os mercados parecem aceitar a ideia de que esta situação poderá persistir.

Esta evolução reflete várias tendências subjacentes. As necessidades de investimento estão a aumentar simultaneamente em muitas áreas: infraestruturas energéticas, inteligência artificial (IA), relocalização industrial, defesa e adaptação às alterações climáticas. Ao mesmo tempo, em muitas economias desenvolvidas as finanças públicas continuam sob pressão. A combinação de significativas necessidades de financiamento e de abundante oferta de dívida pública contribui naturalmente para uma pressão ascendente sobre os custos de capital.

Esta mudança é digna de nota, já que vem alterar a forma como os investidores avaliam as oportunidades. Quando os custos de capital são baixos, a diferença entre um excelente projeto e um projeto apenas razoável tende a esbater-se. Quando os custos de financiamento aumentam, a seletividade adquire novamente um caráter essencial. Os investidores atribuem maior importância à produtividade, à geração de fluxos de caixa, à qualidade do balanço e à visibilidade das perspetivas de crescimento. É precisamente neste contexto que se inscrevem os dois temas que decidimos destacar nesta edição.

O primeiro tema, objeto do nosso artigo "Em foco" (página 8), diz respeito à Índia. Num mundo com custos de capital mais elevados, as economias capazes de converter eficientemente o investimento em crescimento tornam-se particularmente atraentes. Graças a fatores demográficos favoráveis, a um setor privado dinâmico, a investimentos maciços em infraestruturas e a uma maior integração nas cadeias de valor globais, a Índia surge atualmente como uma das poucas grandes economias cujo potencial de crescimento estrutural continua a ser objeto de um consenso alargado.

O segundo tema, abordado no nosso artigo "Perspetivas de mercado" (página 10), diz respeito à subida das taxas de rendibilidade das obrigações de longo prazo. Para além dos movimentos de curto prazo dos mercados, esta subida reflete uma reavaliação da remuneração exigida pela disponibilização de capital e do custo do risco. Também destaca o facto de as obrigações estarem a recuperar gradualmente um papel que tinham, em parte, perdido durante os anos de taxas extremamente baixas, ou seja, o de proporcionar um significativo rendimento real aos investidores pacientes. Compreender as causas desta evolução é essencial para avaliar as perspetivas das diferentes classes de ativos nos próximos anos.

Estes dois fenómenos refletem a mesma realidade, a de um mundo em que os recursos financeiros já não são considerados ilimitados e em que os investidores têm, uma vez mais, de ponderar entre as várias aplicações possíveis do capital. Este regresso à disciplina não é necessariamente uma má notícia. Os períodos em que o capital é avaliado de forma correta favorecem frequentemente uma melhor alocação dos recursos e permitem fazer uma distinção mais clara entre vencedores estruturais e beneficiários de um ambiente monetário excecional. Portanto, para os investidores de longo prazo, o desafio não está em lamentar o mundo de ontem, mas sim em adaptar-se ao que está a tomar forma.

No limiar de 2027, a convicção prevalecente é a de que os mercados se irão, provavelmente, orientar cada vez mais pela qualidade do crescimento. Quando os custos de capital aumentam, é a criação sustentada de valor que se torna o critério definitivo. Esta é, sem dúvida, uma das transformações mais importantes na nossa era de investimento.

02 | MACROECONOMIA E ESTRATÉGIA DE INVESTIMENTO

O travão das obrigações



Bénédicte KUKLA
Chief Strategist



Grégory STEINER, CFA
Global Head of
Asset Allocation

O crescimento global continua resiliente, mas rendibilidades de longo prazo mais elevadas estão a tornar as condições financeiras mais restritivas e a pesar sobre o imobiliário, o investimento e a margem de manobra das políticas económicas. A economia dos Estados Unidos está a ser sustentada pelo consumo e pelas despesas de capital impulsionadas pela inteligência artificial (IA), enquanto a Europa se debate com uma dinâmica mais fraca e uma inflação mais persistente. Continuamos otimistas em relação às ações, especialmente nos EUA e nos mercados emergentes, e reajustámos a duração das obrigações para um nível neutro.

CENÁRIO MACROECONÓMICO

ESTADOS UNIDOS: O IMPREVISÍVEL FATOR DA RIQUEZA

Continuamos a basear o nosso cenário central num crescimento razoável, apoiado por um consumo resiliente (apesar dos preços mais elevados da energia), nomeadamente graças ao efeito riqueza, que sustenta as despesas das famílias com rendimentos elevados, e pelos investimentos relacionados com a IA, que se deverão manter volumosos em 2027. A recente subida do índice de gestores de compras (PMI) patente no inquérito de setembro da S&P levou os mercados financeiros a antecipar um crescimento mais elevado nos EUA. De momento, porém, este parece ser um caso isolado, dado que outras sondagens às empresas, incluindo os inquéritos regionais do Institute for Supply Management (ISM) e da Reserva Federal (Fed), refletem um panorama muito menos otimista. De facto, vários setores da economia dos EUA permanecem menos dinâmicos. Os consumidores continuam sob pressão devido ao crescimento negativo dos rendimentos reais, com a inflação de setembro a surpreender pela alta (3,7% em variação homóloga) contra um crescimento salarial no setor privado de 3%. A taxa de poupança também permanece baixa (4,1%). No entanto, não antecipamos um colapso do consumo, uma vez que o património líquido das famílias norte-americanas cresceu 13 biliões de dólares no segundo trimestre de 2026, devido, principalmente, à subida das cotações das ações. A medida em que a subida das cotações das ações poderá desencadear uma nova recuperação do consumo continua a representar um risco de revisão em alta do nosso cenário central. Contudo, não prevemos um grande apoio do investimento no imobiliário residencial, dado o recente aumento das taxas de juro de longo prazo. Em contrapartida, o investimento no imobiliário não residencial deverá continuar a ser um motor de crescimento, sustentado pelo ciclo de despesas de capital. Embora o ritmo de crescimento das despesas de capital dos *hyperscalers* deva abrandar ligeiramente em 2027 e 2028 face aos níveis de 2025-2026, os investimentos associados à IA deverão continuar a ser um motor de crescimento fundamental. Desde 2025, têm contribuído, em média, com cerca de 50 pontos base para o crescimento trimestral (anualizado) dos EUA. No curto prazo, é improvável que a política orçamental e a política monetária apoiem o crescimento dos EUA.

No que respeita aos preços, prevê-se que a inflação abrande em 2027, à medida que se forem dissipando as pressões associadas às taxas aduaneiras, à energia e aos investimentos em *software*. Além disso, o mercado de trabalho continua a ser compatível com uma expansão da economia sem criação de emprego. Em suma, continuamos a prever mais uma subida das taxas de juro da Fed em 2026, seguida de uma pausa prolongada durante a maior parte de 2027 e de uma flexibilização gradual a partir de finais desse ano.

ZONA EURO: IMPASSE POLÍTICO

Na zona euro, o crescimento mantém-se, mas a dinâmica deverá abrandar até ao final do ano. Mantemos a nossa previsão de 1,0% de crescimento do PIB em 2026, com um provável abrandamento em variação trimestral para cerca de 0,3% no terceiro trimestre e para 0,2% no quarto trimestre (após 0,6% no segundo

A IA impulsionou o crescimento dos EUA em 50 PONTOS BASE desde 2025

trimestre). A economia continua a ser sustentada pelo sólido setor transformador da Alemanha, cuja produção industrial se tem mantido estável (2,3% em variação homóloga em agosto) apesar das perturbações estivais resultantes das ondas de calor e dos baixos níveis de água do Reno. Em contrapartida, a França continua a ser prejudicada pelas incertezas políticas, assim como pela menor confiança das famílias e pela perspetiva de austeridade orçamental, fatores que penalizam o consumo. Perspetiva-se uma agenda política agitada, com debates orçamentais vitais e vários momentos decisivos nos diferentes países e a nível europeu, o que deverá manter elevadas as incertezas políticas. No entanto, as exportações europeias representam uma compensação valiosa, ajudadas que são pelo ciclo global de investimento em IA, pela maior procura de bens de capital e de equipamentos elétricos e eletrónicos e por uma modesta recuperação do comércio intraeuropeu e da constituição de stocks. O investimento também deverá beneficiar do avanço das infraestruturas associadas à IA, assim como do contínuo apoio dos setores da defesa, da eletrificação e das energias renováveis e de maiores despesas com infraestruturas públicas. No que respeita à inflação, revimos em alta as nossas previsões (quadro 1), que apontam agora para um pico no primeiro trimestre de 2027. A energia continua a ser a principal fonte de pressões. Porém, o crescimento dos salários mantém-se moderado, limitando os potenciais efeitos de segunda ordem. Neste cenário, com a subida das taxas de longo prazo já a afetar as condições financeiras, mantemos a nossa previsão relativamente ao Banco Central Europeu, ou seja, mais uma subida de 25 pontos base para 2,75% até ao final de 2026, seguida de um retorno a 2,5% até ao final de 2027.

ÁSIA: DIVERGÊNCIAS ACENTUADAS

Na China, a indústria transformadora e as exportações continuam a ser apoiadas pela explosão dos investimentos na IA. Pequim está a dotar os governos locais e as infraestruturas com 550 mil milhões de renminbis em apoios orçamentais adicionais, o que, muito provavelmente, irá dar um impulso à produção. No entanto, prevê-se que o consumo continue moderado, devido à ainda pouca confiança no setor imobiliário. Na região da Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN), continuam a observar-se condições económicas mistas. A resiliência do setor exportador de Singapura contrasta com as pressões inflacionistas que poderão conduzir a um maior aperto monetário, enquanto a produção industrial de Taiwan e da Coreia do Sul continua em acentuada expansão. A Indonésia enfrenta pressões cambiais, a Tailândia debate-se com uma procura interna moderada e, nas Filipinas, a inflação acelerou para 7,2% em variação homóloga.

Por último, o Japão está a progredir no sentido da normalização monetária, apoiado por uma subida anual de 1,5% dos salários reais, se bem que o aumento das taxas de rendibilidade da dívida pública esteja a criar pressões orçamentais. Entretanto, a Índia enfrenta uma maior inflação importada e uma depreciação da moeda, o que levou o seu banco central a subir as taxas de juro para 5,50% e a introduzir medidas para estabilizar a rupia (ver "Em foco", página 8).

QUADRO 1: PREVISÕES MACROECONÓMICAS 2026-2028,%

● Previsões em baixa desde a última edição ● Previsões em alta desde a última edição

	PIB %			INFLAÇÃO %		
	2026	2027	2028	2026	2027	2028
Estados Unidos	2,3%	2,3%	2,2%	3,4%	2,4%	2,3%
Zona euro	1,0%	1,2%	1,6%	3,1%	2,9%	2,1%
China	4,6%	4,3%	4,3%	0,5%	1,3%	1,4%
Japão	0,6%	1,0%	1,2%	2,3%	2,3%	2,0%

Fonte: Indosuez Wealth Management.





Jean-Marc TURIN, CFA
Head of Patrimonial Funds

CONVICÇÕES DE ALOCAÇÃO

BRAÇO DE FERRO ENTRE LUCROS E TAXAS DE JURO

Neste contexto de crescimento económico resiliente, continuamos a privilegiar as ações, apesar das taxas de juro mais elevadas e de um ambiente geopolítico difícil. A robustez das ações pode parecer surpreendente, mas há dois fatores que a explicam. Em primeiro lugar, as empresas mantêm uma dinâmica de lucros verdadeiramente excecional. Se bem que taxas de juro mais elevadas pesem nos múltiplos de valorização, este efeito é mais do que compensado pelo crescimento dos lucros. O segundo fator a considerar é que, por detrás de uma aparente solidez, a resiliência dos mercados tem sido menos notável.

AÇÕES

De um modo geral, as ações têm-se mostrado resilientes desde o final de agosto, quando a subida das taxas se intensificou. A Europa e os mercados emergentes tiveram desempenhos inferiores aos dos Estados Unidos, que beneficiaram da recuperação dos "Sete Magníficos". No entanto, estes pequenos movimentos mascaram uma dispersão significativa entre setores e títulos. Mesmo dentro do setor tecnológico, a rotação foi um dos principais temas do verão. Após uma recuperação no primeiro semestre, os semicondutores foram objeto de tomadas de lucros em julho. Em agosto, a liderança foi assumida pelo setor do *software*, que, após ter sido penalizado no primeiro semestre, foi apoiado por resultados sólidos no *software* em geral e na cibersegurança. E, em setembro, os mercados voltaram a centrar-se nos títulos vencedores no setor da inteligência artificial (IA).



TAXAS DE JURO MAIS ELEVADAS proporcionam OPORTUNIDADES na construção de carteiras

No início do quarto trimestre, mantemos uma visão otimista em relação às ações, que se tem demonstrado correta desde o início do ano. As estatísticas valem o que valem, mas setembro, que é tradicionalmente um mês mais fraco, já ficou para trás, enquanto o quarto trimestre é historicamente mais favorável, sobretudo em anos de eleições intercalares. Dito isto, mantemos uma postura disciplinada, realizando regularmente alguns lucros ou reforçando posições de cobertura.

Nas ações, continuamos a privilegiar os EUA e os mercados emergentes. Tanto os EUA como os mercados emergentes beneficiam de uma muito impressionante dinâmica de lucros, impulsionada por investimentos maciços em IA, conforme recentemente ilustrado pela Micron, gigante dos semicondutores especializada em memórias, cujos lucros líquidos aumentaram dez vezes num ano. De um modo mais geral, prevê-se que o crescimento dos lucros nos EUA ultrapasse os 30% no corrente ano, e os números são ainda mais impressionantes nos mercados emergentes, graças a algumas empresas da Coreia do Sul e de Taiwan. Consequentemente, as valorizações dos EUA e dos mercados emergentes melhoraram significativamente, com os mercados emergentes a serem agora negociados abaixo de 10x os lucros estimados.

Também a Europa registou lucros sólidos no corrente ano, com um crescimento superior a 20% após vários anos de estagnação. É claro que a região continua mais vulnerável num contexto de preços elevados da energia. Além disso, a complexa situação orçamental, aliada à instabilidade política, não contribui para melhorar o sentimento dos investidores em relação à Europa e ao euro. No entanto, as ações europeias são úteis na construção de carteiras com vista a diversificar a exposição ao tema da IA. Por este motivo, mantêm uma posição razoável nas carteiras.

RENDIMENTO FIXO E MERCADOS DO CRÉDITO

No que diz respeito às obrigações, a subida das taxas de juro está a pesar sobre a maioria dos segmentos. Cite-se, a título de exemplo, um Título do Tesouro dos EUA a 30 anos que viu o seu valor cair 8% entre finais de agosto e meados de outubro e quase 60% desde 2020. Embora venha a ser reembolsado a 100% na data de vencimento, isto demonstra que o risco nem sempre se encontra onde se espera.

Até agora, resistimos à tentação de, num contexto de volatilidade, aumentar a sensibilidade às taxas de juro. Contudo, o atual nível de rendibilidade significa que os rendimentos estimados em alocações obrigacionistas atingiram um máximo de 15 anos, o que é um bom presságio para as carteiras. Isto proporciona uma proteção razoável contra a volatilidade e contra novas subidas das taxas de juro. Por este motivo, decidimos, finalmente, aumentar a duração para uma posição neutra. Relativamente à dívida pública, a seletividade é importante num contexto de renovadas tensões em determinados países da zona euro.

Os *spreads* de crédito alargaram ligeiramente, mas, regra geral, mantiveram-se contidos graças aos sólidos fundamentais das empresas. Continuamos a privilegiar as obrigações empresariais de alta qualidade denominadas em euros, assim como a dívida de mercados emergentes em moeda local.

FOREX

No que respeita às moedas, o dólar continua a ser um tema central de debate nos nossos comités de investimento. Kevin Warsh, presidente da Fed, tomou as medidas necessárias para preservar a credibilidade do banco central, enquanto, na Europa, as dificuldades específicas de cada país estão a penalizar o euro. O dólar americano beneficia da evolução em ambos os lados do Atlântico, e reduzimos a nossa meta para o par EUR/USD. Entretanto, o já significativo posicionamento dos investidores internacionais, a deterioração dos saldos orçamentais nos EUA e a prevista evolução das trajetórias das taxas de juro de curto prazo justificam a manutenção de um prudente equilíbrio de exposição cambial nas carteiras não denominadas em dólares.

Por último, face às tensões geopolíticas, às incertezas orçamentais e à diversificação das reservas cambiais por parte dos bancos centrais, o ouro mantém um papel importante na diversificação das carteiras. Na nossa opinião, estes fatores estruturais deverão, com o tempo, compensar quaisquer ajustamentos de curto prazo associados ao aumento das taxas de juro reais.

CONVICÇÕES FUNDAMENTAIS – POSIÇÃO TÁTICA



Fonte: Indosuez Wealth Management.

03 EM FOCO
Índia: bem me quer, mal me quer



Grégory STEINER, CFA
Global Head of
Asset Allocation

A Índia continua a ser um dos poucos grandes mercados que oferecem tanto crescimento como diversificação, mas ainda se encontra subponderada nas carteiras dos investidores globais. O Fundo Monetário Internacional (FMI) prevê um crescimento de 7% em 2026, mas esta dinâmica de crescimento não se limita ao ciclo da economia, antes assentando num modelo económico baseado em fatores estruturais. Os argumentos a favor do investimento na Índia apoiam uma reconstrução gradual e disciplinada da exposição com uma análise cuidadosa do risco cambial, isto no contexto de um quadro mais alargado de mercados emergentes para os investidores que procuram a diversificação.



Crescimento do PIB de 7%, suportado por uma idade mediana de 28 ANOS

ÍNDIA: AINDA UM CASO DE SÓLIDO CRESCIMENTO ESTRUTURAL

A Índia encontra-se entre as principais economias de maior crescimento, com um crescimento de 7% previsto para 2026, de acordo com as últimas Perspetivas da Economia Mundial do FMI. Aspeto fundamental, esta dinâmica não é apenas cíclica, já que reflete vantagens estruturais, nomeadamente uma população jovem com uma idade média de 28 anos e uma janela demográfica que deverá permanecer aberta até 2045. Numa altura em que a população envelhece na maioria das principais economias, na Índia, fatores demográficos favoráveis sustentam o crescimento da força de trabalho, a procura interna e o investimento de longo prazo.

Um segundo pilar estrutural é a resiliência do modelo de crescimento interno da Índia. O investimento é, em grande parte, autofinanciado, com as poupanças das famílias a financiar a dívida pública e privada e uma dependência limitada do capital estrangeiro. Essa força é apoiada por sólidas margens de segurança externas. A Índia detém a quarta maior reserva cambial do mundo, a dívida externa situa-se em cerca de 20% do PIB e o serviço da dívida continua em níveis sustentáveis. As finanças públicas também estão a melhorar, com o rácio dívida/PIB (83%) a registar uma descida em relação ao pico atingido durante a pandemia (90%), isto num quadro de preservação do investimento público e de contenção das despesas correntes.

Esta transformação é visível na vida real. O India Stack[1] e o UPI[2] aceleraram a inclusão financeira e a produtividade, ao mesmo tempo que se registavam avanços evidentes nas rodovias, na habitação, nas ligações elétricas e no abastecimento de água canalizada. O argumento a favor do investimento é ainda reforçado pelo papel da Índia na reconfiguração do setor industrial, pelo advento de uma grande economia digital e pelo potencial da inteligência artificial (IA) e das aplicações de tecnologia avançada, áreas em que a Índia já se mostra competitiva ao nível da camada de aplicações.

O PANORAMA ESTRUTURAL NÃO ESTÁ ISENTO DE CONDICIONALISMOS

O risco geopolítico continua a ser significativo, particularmente na Ásia Ocidental, no Mar Vermelho e no Estreito de Ormuz, enquanto as incertezas em torno da política comercial global continuam a ensombrar o contexto externo. No plano interno, a Índia continua a enfrentar desafios significativos a nível da produtividade. A mão de obra contribui muito pouco para o PIB, apenas cerca de metade dos licenciados em áreas STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática) são considerados aptos para o mercado de trabalho e a participação feminina na força de trabalho continua a ser baixa (32% contra 59% na China em 2025). O défice em termos de infraestruturas também é substancial, com a despesa per capita ainda inadequada face à ambição de aumentar as despesas de capital para cerca de 6% do PIB.

O setor transformador constitui outro desafio fundamental. Apesar dos progressos, este setor continua a representar apenas 17–18% do PIB, um valor abaixo do nível de 25% frequentemente citado como necessário à consolidação da Índia como um verdadeiro centro industrial. Para tal, serão necessários custos de

[1] Conjunto de ferramentas digitais e interfaces de programação de aplicações (APIs) no âmbito das infraestruturas públicas que permite a pessoas e a instituições realizar ações como sejam a verificação de identidades, a assinatura de documentos e a transferência digital de dinheiro em grande escala. Em termos mais simples, é a rede digital subjacente à digitalização financeira e administrativa da Índia.
[2] *Unified Payments Interface*: sistema de pagamentos instantâneos da Índia que permite efetuar transferências bancárias em tempo real através de uma aplicação móvel, código QR, número de telefone ou identificador UPI. É a parte mais visível do ecossistema de pagamentos digitais da Índia.

financiamento mais baixos, melhores condições económicas no que respeita a terrenos e a energia, assim como uma melhoria sustentada das competências à medida que avança a revolução da Indústria 4.0[3]. As pressões da transição climática acrescentam mais uma camada de complexidade, apesar de a capacidade em energias renováveis já ter aumentado.

Em resumo, a Índia continua a ser um caso convincente de crescimento estrutural. As oportunidades no médio prazo são evidentes, mas a tese do investimento depende da capacidade do país para converter a sua dimensão, o alcance digital e a resiliência macroeconómica em maior produtividade, numa indústria transformadora mais alargada e numa participação mais inclusiva na força de trabalho.

POR QUE MOTIVO CONTINUA A ÍNDIA A TER DIFICULDADES EM CONQUISTAR ALOCAÇÕES ESTRATÉGICAS?

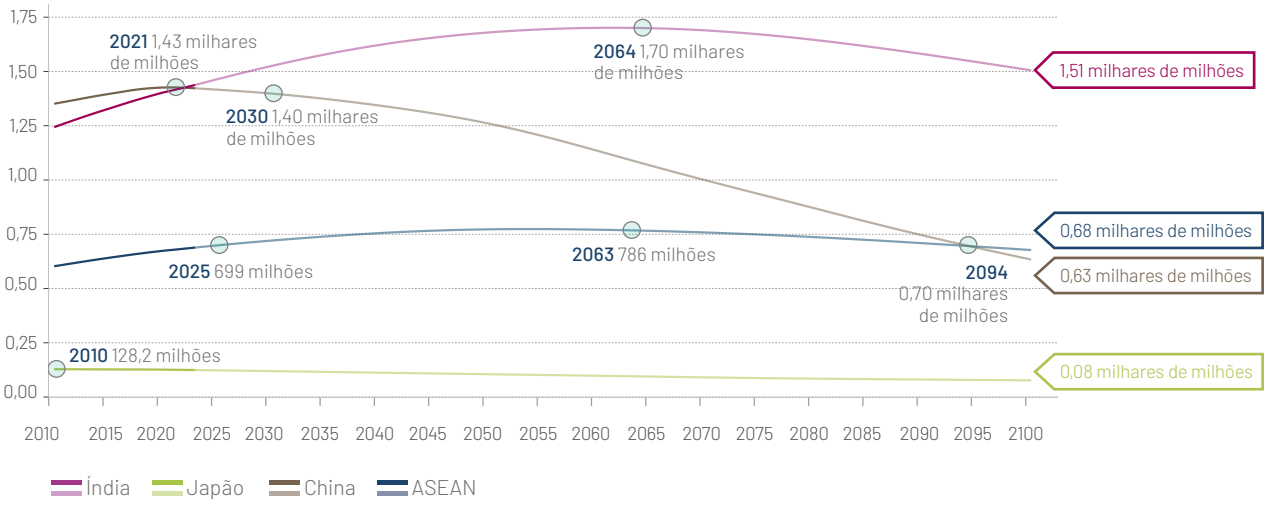
O argumento a favor do investimento de longo prazo em ações da Índia é convincente, mas ainda não se traduziu por uma alocação estratégica autónoma e duradoura em muitas carteiras globais, dado que os investidores continuam a exigir um alinhamento de condições mais abrangente antes de assumirem um compromisso específico com um país. Na prática, a Índia tem sido frequentemente vista como parte dos mercados emergentes, em que o capital é alocado entre regiões, em vez de ser direcionado em função de convicções relativas a um único país. Esta tendência tem sido reforçada pela disciplina de avaliação. Os pontos de entrada têm-se revelado frequentemente exigentes e os investidores privados mostram-se relutantes em adotar posições com múltiplos elevados. Por outro lado, existe a concorrência de outros mercados emergentes, em particular os mais diretamente ligados ao ciclo da IA, tais como a Coreia do Sul e Taiwan, que são alvo de atenções e de entradas de capitais.

Para além das valorizações, há condicionalismos estruturais que continuam a ser significativos. A prolongada depreciação da rupia indiana tem corroído os rendimentos totais em moeda estrangeira, enquanto os custos de cobertura são elevados devido aos diferenciais das taxas de juro. Além disso, a Índia também está mais exposta aos preços das matérias-primas e a pressões inflacionistas recorrentes, o que pode traduzir-se por condições financeiras locais mais restritivas. Por último, os mercados indianos continuam a depender consideravelmente dos fluxos de capitais estrangeiros, além de que são necessários progressos sustentados em matéria de governação, de divulgação de informações e de proteção de acionistas minoritários, especialmente fora do universo das grandes empresas.

A ÍNDIA TEM O SEU LUGAR EM CARTEIRAS DIVERSIFICADAS

Para investidores com pouca ou nenhuma exposição específica à Índia, vemos oportunidades para começar a reconstruir uma posição, mas de forma gradual e disciplinada em vez de apostar com base nas cotações. Os recentes movimentos do mercado também destacam uma perspetiva interessante no curto prazo. A Índia tem beneficiado da tendência para estratégias de investimento alternativas à IA, refletindo uma preferência por mercados mais tradicionais sustentados pelo consumo interno. No longo prazo, porém, a IA deverá apoiar os mercados indianos graças a um aumento da produtividade. Por enquanto, este argumento de investimento assenta menos num modelo de produção exportador ao estilo da China e mais na diversificação e num conjunto de apoios estruturais (solidez demográfica, procura interna, digitalização e desenvolvimento do setor financeiro) que deverão contribuir para sustentar o crescimento dos mercados ao longo do tempo, isto sujeito a uma melhoria na governação e uma redução da dependência dos mercados relativamente a fluxos externos voláteis.

GRÁFICO 1: PICOS POPULACIONAIS



Fontes: Macrobond, United Nations Department of Economic & Social Affairs (UNDESA), Indosuez Wealth Management.

[3] Processo de formação da mão de obra do país tendo em vista a aquisição das competências digitais, técnicas e cognitivas avançadas necessárias à operação em ambientes industriais e de fabrico inteligentes, automatizados e orientados por dados.

04

PERSPETIVAS DE MERCADO

A vaga global de vendas de obrigações



Lucas Meric
Cross Asset Strategist



Alexander Bell
Fixed Income
Portfolio Manager

A vaga global de vendas de obrigações passou para o primeiro plano com os investidores particularmente atentos às oscilações diárias das taxas de rendibilidade. Neste artigo, analisamos os pontos onde as pressões são mais acentuadas, os fatores que estão a impulsionar a vaga de vendas, os catalisadores que a poderiam reverter e a resposta que estamos a dar em termos de posicionamento das carteiras.

O QUE SE PASSA NOS MERCADOS DE OBRIGAÇÕES?

As obrigações têm registado fracos desempenhos desde o início do conflito entre os Estados Unidos e o Irão, mas foi em setembro que se registou a maior vaga de vendas de obrigações soberanas desde o outono de 2022, com as taxas de rendibilidade dos títulos de dívida pública a 10 anos dos mercados desenvolvidos a atingirem máximos de várias décadas (gráfico 2, página 11). Depois, uma vaga de vendas de ações associadas à inteligência artificial (IA), em meados de outubro, proporcionou uma trégua inesperada. A taxa dos títulos do Tesouro dos EUA a 10 anos atingiu brevemente os 5,36% (um máximo desde 2002), o Bund alemão a 10 anos registou um pico de 3,64% (um máximo desde 2009) e o OAT[4] francês a 10 anos subiu para 5% (um máximo de 25 anos).

DIMENSÃO GEOGRÁFICA DAS VENDAS

A vaga de vendas de obrigações tem sido global e não poupou nenhum mercado de obrigações. Em setembro, a volatilidade dos mercados de obrigações teve o seu epicentro nos títulos do Tesouro dos EUA, com a Reserva Federal (Fed) a subir nesse mês as suas taxas em 25 pontos base, acompanhando o Banco Central Europeu (BCE) e o Banco do Japão no ciclo de subida das taxas dos bancos centrais.

Nos EUA, a reavaliação das cotações tem sido impulsionada pelas taxas de rendibilidade reais de curto prazo e pelas expetativas de subida das taxas da Fed. Na verdade, as antecipações dos mercados relativamente à taxa dos Fundos Federais em dezembro de 2027 subiram de 4% em meados de agosto (uma subida acumulada de 60 pontos base) para 4,6% (cerca de 115 pontos base de subida acumulada) no final de setembro. Pela positiva, refira-se que as expetativas de inflação a mais longo prazo se mantiveram bem ancoradas.



TAXA DOS EUA A 10 ANOS atingiu 5,36%, um máximo desde 2002

POR QUE MOTIVO TÊM AS TAXAS VINDO A SUBIR?

Consideramos que a recente subida das taxas globais se deve, principalmente, a dois fatores interligados: em primeiro lugar, aos preços da energia, que subiram desde o início do conflito no Irão e que permanecem elevados (especialmente no que respeita aos produtos refinados), mantendo vivos os riscos de subida tanto da inflação global como da inflação subjacente, e, em segundo lugar, à resiliência da economia, que se tem mantido mais sólida do que se previa, mesmo na Europa. A atividade tem-se mantido estável, os mercados de trabalho têm-se revelado bastante robustos e os investidores acreditam cada vez mais que o ciclo de investimento na IA irá apoiar fortemente o crescimento no médio prazo.

Por outro lado, também temos as grandes empresas tecnológicas a investir biliões de dólares em IA, o que aumenta a concorrência com os emitentes soberanos no que se refere à captação de capitais e exerce uma pressão ascendente sobre as taxas. A subida das taxas de juro de longo prazo também suscita inquietações quanto à sustentabilidade das dívidas públicas e à capacidade de financiamento dos Estados.

Neste cenário, as atuais avaliações dos mercados indicam que a taxa neutra poderá, agora, ser estruturalmente mais elevada, num contexto em que a IA está a impulsionar o investimento, a produtividade e o crescimento, mantendo, assim, as taxas de juro mais elevadas durante mais tempo.

PARA QUANDO UMA DESCIDA DAS RENDIBILIDADES?

As avaliações dos mercados relativamente à atuação da Fed e do BCE continuam a apontar para uma política monetária consideravelmente mais *hawkish* do que o previsto no nosso cenário central, no qual estimamos que um crescimento estável e uma normalização gradual da inflação irão limitar o aperto

[4] *Obligations Assimilables du Trésor*, obrigações de médio a longo prazo emitidas pelo Tesouro francês.

monetário dos bancos centrais. De qualquer modo, poderá demorar algum tempo até que se acumulem dados favoráveis suficientes sobre a inflação subjacente e o crescimento para que este cenário se concretize. Entretanto, os mercados obrigacionistas deverão manter-se voláteis.

No que resta de 2026, acompanharemos os seguintes catalisadores que poderão impulsionar uma reavaliação das rendibilidades das obrigações:

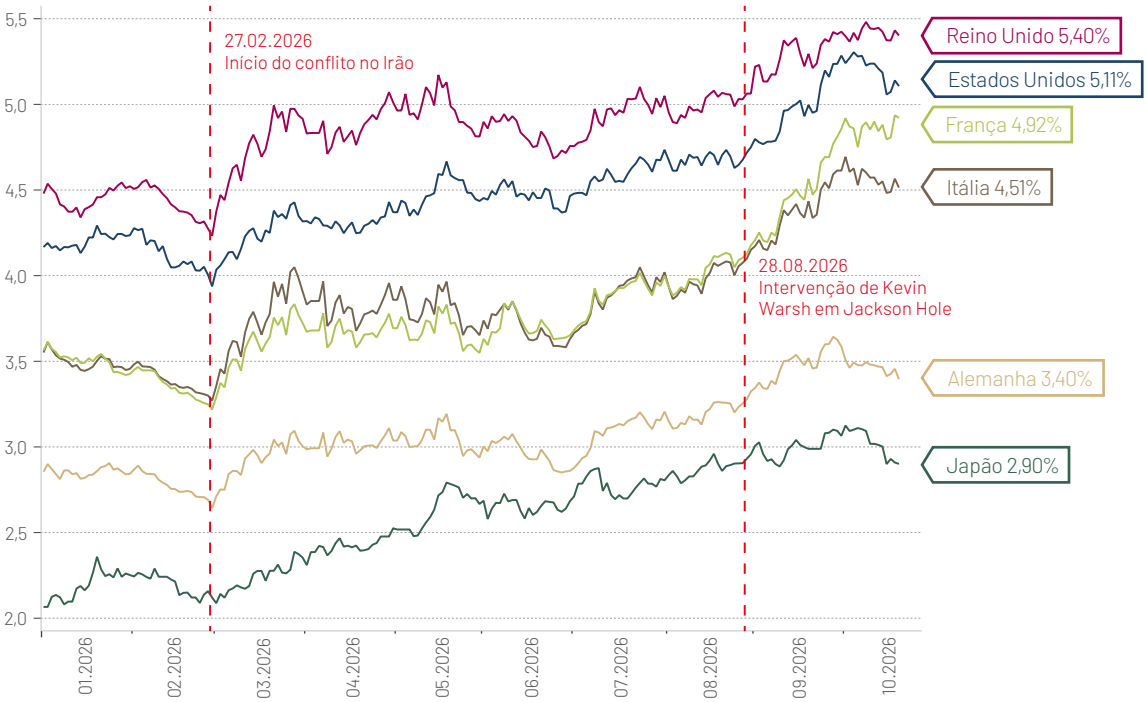
- Médio Oriente – O abrandamento das tensões e a desescalada do conflito acompanhados por uma normalização dos fluxos de produtos refinados aliviariam os preços da energia, melhorariam as perspetivas de inflação e reduziriam a pressão sobre as obrigações. Por enquanto, porém, essa perspetiva parece ainda distante.
- Inflação – Prevemos que os efeitos associados às taxas aduaneiras, à IA e à energia se venham a dissipar, apoiando uma desinflação gradual, com o PCE[5] subjacente a cair abaixo de 3% em meados de 2027. No curto prazo, os efeitos de segunda ordem decorrentes do conflito no Médio Oriente poderão manter uma inflação alta e expetativas elevadas relativamente às taxas de juro.
- Crescimento e IA – Dados de crescimento mais moderados poderão aliviar gradualmente a pressão sobre os mercados de obrigações, mas os inquéritos de atividade e os dados de alta frequência continuam, por enquanto, sólidos, ao mesmo tempo que o mercado de trabalho não mostra sinais de fraqueza, pelo que as atenções continuam centradas na ainda elevada inflação. Um catalisador mais direto seria uma reavaliação das despesas em IA por parte das grandes empresas de tecnologia (*hyperscalers*), uma vez que essas despesas são vistas como o principal motor de crescimento para os próximos anos.
- Eleições intercalares – Uma vitória esmagadora dos democratas, atualmente o cenário mais provável considerado pelos investidores, favoreceria provavelmente uma descida a curto prazo das taxas de rendibilidade, uma vez que implicaria menor margem de manobra orçamental e um menor risco de aumento acentuado dos défices.

COMO POSICIONAR AGORA AS NOSSAS CARTEIRAS?

Embora permaneçamos atentos aos riscos, entendemos que o *carry* elevado atualmente disponível em obrigações soberanas e crédito *investment grade* oferece agora uma proteção significativa contra novas movimentações adversas nas taxas de rendibilidade de longo prazo. Os mercados estão a descontar um grau de aperto monetário superior ao que esperamos que venha a materializar-se, enquanto as obrigações demonstraram o seu papel como potencial cobertura contra riscos de quebra do crescimento, sobretudo depois de, em outubro, terem voltado a surgir receios relacionados com a IA.

Atualizámos recentemente a nossa perspetiva sobre a duração (ver "Convicções fundamentais", página 7), passando de uma ligeira subponderação para uma posição neutra, e estamos agora a aguardar uma imagem mais clara dos catalisadores acima referidos para adotar uma nova orientação.

GRÁFICO 2: TAXAS DE RENDIBILIDADE GLOBAIS DA DÍVIDA PÚBLICA A 10 ANOS, %



Fontes: Macrobond (em 20.10.2026), Indosuez Wealth Management.

[5] *Personal Consumption Expenditures*, índice das despesas de consumo pessoal.

05 MONITOR DE MERCADO (MOEDAS LOCAIS)
Visão geral dos mercados selecionados

DADOS A 21.10.2026

TÍTULOS DA DÍVIDA PÚBLICA	RENDIMENTO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS (PB)	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL (PB)
Títulos do Tesouro dos EUA de 10 anos	5,12%	0,48	95,20
França 10 anos	5,01%	35,40	145,00
Alemanha 10 anos	3,42%	-13,40	56,50
Espanha 10 anos	4,08%	3,70	79,00
Suíça 10 anos	0,53%	-5,20	20,80
Japão 10 anos	2,88%	-9,70	81,60

TÍTULOS	ÚLTIMO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
Títulos da Dívida Pública de Mercados Emergentes (ME)	42,52	0,00%	2,29%
Títulos da Dívida Pública em EUR	209,89	-0,01%	-1,87%
High yield em EUR Corporativo	241,50	-1,53%	-0,30%
High yield em USD Corporativo	393,39	-1,04%	-0,03%
Títulos da Dívida Pública dos EUA	333,38	0,52%	-0,78%
ME Corporativos	43,91	-1,19%	-4,27%

MOEDAS	ÚLTIMO *SPOT*	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
EUR/CHF	0,9260	-1,41%	-0,51%
GBP/USD	1,3394	1,17%	-0,60%
USD/CHF	0,8244	-0,10%	4,01%
EUR/USD	1,1232	-1,32%	-4,38%
USD/JPY	158,14	-0,11%	0,91%

ÍNDICE DE VOLATILIDADE	ÚLTIMO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
VIX	16,68	1,50	1,73

ÍNDICES DE AÇÕES	ÚLTIMO PREÇO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
S&P 500 (EU)	7.757,17	0,66%	13,32%
FTSE 100 (Reino Unido)	10.752,88	0,44%	8,27%
STOXX Europe 600	644,49	0,71%	8,83%
Topix	4.043,73	-1,16%	18,62%
MSCI World	4.952,87	0,28%	11,79%
Shanghai SE Composite	4.111,93	-8,97%	-11,19%
MSCI Emerging Markets	1.615,42	-7,62%	15,03%
MSCI Latam (América Latina)	3.355,95	8,32%	23,87%
MSCI EMEA (Europa, Oriente Médio, África)	258,82	-4,08%	-0,15%
MSCI Asia Ex Japan	1.056,41	-8,96%	15,65%
CAC 40 (França)	7.921,68	-2,48%	-2,80%
DAX (Alemanha)	25.645,04	0,92%	4,71%
MIB (Itália)	49.643,69	-4,51%	10,46%
IBEX (Espanha)	19.323,50	-1,57%	11,65%
SMI (Suíça)	14.552,39	4,53%	9,68%

COMMODITIES	ÚLTIMO PREÇO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
Barra de Aço (CNY/Tm)	3.117,00	1,96%	0,39%
Ouro (USD/Onça)	4.140,74	-3,43%	-4,14%
Petróleo bruto WTI (USD/Barril)	97,15	5,41%	69,19%
Prata (USD/Onça)	57,71	-10,36%	-18,26%
Cobre (USD/Tm)	14.356,00	-1,79%	15,56%
Gás natural (USD/MMBtu)	2,79	-7,71%	-24,31%

Fontes: Bloomberg, Indosuez Wealth Management.
O desempenho passado não garante o desempenho futuro.

RETORNOS MENSAIS SOBRE INVESTIMENTO, EXCLUÍNDO DIVIDENDOS

FTSE 100 · Topix · MSCI World · MSCI EMEA · MSCI Emerging Markets
STOXX 600 · S&P 500 · Shanghai SE Composite · MSCI Latam · MSCI Asia Ex Japan

JULHO DE 2026	AGOSTO DE 2026	SETEMBRO DE 2026	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ACUMULADO ANUAL (21.10.2026)
4,78%	5,74%	-0,44%	8,32%	23,87%
3,53%	3,82%	-0,45%	0,71%	18,62%
1,24%	3,21%	-0,59%	0,66%	15,65%
1,16%	3,16%	-0,84%	0,44%	15,03%
0,46%	2,62%	-1,15%	0,28%	13,32%
0,21%	2,48%	-1,31%	-1,16%	11,79%
-0,13%	0,80%	-2,02%	-4,08%	8,83%
-3,31%	0,29%	-2,49%	-7,62%	8,27%
-3,47%	-0,40%	-4,88%	-8,96%	-0,15%
-7,86%	-1,21%	-5,78%	-8,97%	-11,19%

MELHOR DESEMPENHO

PIOR DESEMPENHO

Fontes: Bloomberg, Indosuez Wealth Management.
O desempenho passado não garante o desempenho futuro.

06 CONHEÇA A EQUIPA

Conheça a equipa editorial internacional da Indosuez Wealth Management, dedicada a transmitir com precisão e eficácia as estratégias de investimento elaboradas pelos nossos especialistas em todo o mundo, com o objetivo de garantir aos nossos clientes um serviço de excelência.



Delphine
DI PIZIO TIGER
Deputy Global Head of
Investment Management



Alexandre
DRABOWICZ, CAIA
Global Chief
Investment Officer



Jérôme
VAN DER BRUGGEN
Chief Market Strategist



Bénédicte KUKLA
Chief Strategist



Lucas MERIC
Cross Asset Strategist



Francis TAN
Chief Strategist Asia



Alexandre GAUTHY
Senior Cross-Assets Manager /
Market Forex Strategist



Grégory STEINER, CFA
Global Head of
Asset Allocation



Jean-Marc TURIN, CFA
Head of Patrimonial Funds



Mafalda DOS SANTOS
Global Head of
Content Marketing

07 GLOSSÁRIO

Blockchain: Tecnologia de armazenamento e transmissão de informação, sob a forma de uma base de dados que tem a particularidade de ser partilhada simultaneamente com todos os seus utilizadores, e que geralmente não depende de nenhum órgão central.

BLS: Bureau of Labor Statistics.

***Bottom-up* (em inglês, cujo significado é "ascendente"):** Análises, ou estratégias de investimento, que se concentram em especificidades e contas corporativas individuais, em oposição à análise *top-down* (descendente) que se concentra em agregados macroeconómicos.

Brent: Um tipo de petróleo bruto doce, frequentemente usado como referência para o preço do petróleo bruto na Europa.

Cíclico: Cíclico é um estilo que se refere a empresas dependentes das mudanças na economia de forma geral. Essas ações representam empresas cujos lucros estarão mais altos quando a economia estiver prosperando.

Defensivo: Defensivo é um estilo que se refere a empresas mais ou menos imunes às alterações das condições econômicas.

Deflação: A deflação é o oposto da inflação. Ao contrário desta, a deflação se caracteriza por uma queda duradoura e autossustentável do nível geral de preços.

Duração: Reflete a sensibilidade de um título ou fundo de títulos a alterações nas taxas de juro; expressa em anos. Quanto maior a duração de um título, mais seu preço é sensível a quaisquer alterações nas taxas de juro.

EBIT (Earnings Before Interets and Taxes): Refere-se aos lucros gerados antes de quaisquer juros financeiros e impostos serem levados em conta. Pega os lucros e subtrai as despesas operacionais e, portanto, também corresponde a "lucro operacional".

EBITDA (*Earnings Before Interests, Taxes, Depreciation and Amortisation*): O EBITDA leva em conta o lucro líquido e acrescenta juros, impostos e depreciação. Ele é usado para medir a lucratividade operacional de uma empresa antes de despesas não operacionais e encargos não monetários.

ESG: Ambiental, social e governamental.

Estagflação: Se refere a uma economia que passa simultaneamente por um aumento da inflação e uma estagnação na produção econômica.

FDIC: A Federal Deposit Insurance Corporation (Corporação Federal de Seguro de Depósitos) é uma agência governamental independente dos EUA que assegura os depósitos de particulares em bancos e outras instituições financeiras até 250.000 dólares em caso de falência.

Fed: Reserva Federal dos EUA, ou seja, o banco central dos Estados Unidos.

FMI: O Fundo Monetário Internacional.

FOMC (Federal Open Market Commitee): É o órgão de política monetária do Federal Reserve dos EUA.

Growth: Estilo *Growth* refere-se a empresas com expetativas de crescimento de vendas e de resultados a um ritmo mais acelerado do que a média de mercado. Dessa forma, ações *Growth* geralmente se caracterizam por uma valorização mais alta do que a do conjunto do mercado.

Índice de surpresas econômicas: Especifica o nível de desempenho superior dos dados macroeconómicos publicados em relação às expetativas dos previsores (consenso).

Índice dos gerentes de compras: PMI - Purchasing Manager Index em Inglês.

IPC (índice de preços ao consumidor): Permite estimar, entre dois dados períodos, a variação do preço médio dos bens e serviços consumidos pelas famílias. É usado como medida de inflação.

ISM: Sigla para Institute for Supply Management (Instituto de Gestão de Suprimentos, em português).

Lei GENIUS: Acrónimo de *Guiding and Establishing National Innovation for US Stablecoins*, é uma lei federal dos Estados Unidos, aprovada em julho de 2025, que cria um quadro regulamentar para as *stablecoins*, criptomoedas cujo valor é apoiado por uma moeda fiduciária como o dólar americano.

LPA (*Earnings per share*): Lucro por ação.

***Nearshoring*:** A OCDE define regionalização ou *nearshoring* como a decisão de relocalizar atividades anteriormente deslocalizadas, não necessariamente no país de origem da empresa, mas num país geograficamente próximo.

Notações: As notações das obrigações variam geralmente entre AAA (qualidade mais elevada) e C (qualidade mais baixa), por ordem decrescente: AAA – AA – A – BBB – BB – B – CCC – CC – C.

Obrigações de alto rendimento: As obrigações de alto rendimento (*high yield*) têm uma qualidade inferior à das obrigações *investment grade*, mas, tal como estas últimas, são, na sua maior parte, objeto da notação de uma agência especializada.

OCDE: Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico.

***"One Big Beautiful Bill Act"* (em português Grande e Bela Lei):** É o nome dado a um amplo projeto de lei de reconciliação orçamentária aprovado pelo Congresso dos Estados Unidos e sancionado pelo Presidente Trump em 4 de julho de 2025. Trata-se de uma grande e complexa legislação que inclui numerosas disposições que afetam vários aspectos da vida americana, incluindo impostos, assistência médica, política energética e muito mais.

OMC: Organização Mundial do Comércio.

OPEP: Organização dos Países Exportadores de Petróleo; 14 membros.

OPEP+: OPEP mais 10 países adicionais, a saber, Rússia, México e Cazaquistão.

PIB (produto interno bruto): O PIB mede a produção anual de bens e serviços de um país pelos operadores que residem no território nacional.

Ponto base (pb): 1 ponto base = 0,01%.

Ponto de equilíbrio da inflação (ou "*inflation breakeven*" em inglês): Nível de inflação que equilibra os rendimentos de títulos nominais e títulos indexados à inflação (de vencimento e qualidade idênticas). Em outras palavras, é o nível de inflação no qual, para um investidor, tanto faz possuir um título nominal como um título indexado à inflação. Assim, representa as expetativas de inflação, em uma área geográfica, para um determinado prazo de vencimento.

Poder de precificação: Expressão que designa a capacidade, de uma empresa ou marca, para aumentar seus preços, sem que isso afete a demanda por seus produtos.

Qualidade: Ações de Qualidade referem-se a empresas com lucros mais altos e mais confiáveis, endividamento baixo e outras medidas de rendimentos estáveis e de forte governança. Características comuns das ações de Qualidade são o alto retorno ao patrimônio líquido, a variabilidade da dívida em relação ao patrimônio líquido e a variabilidade dos rendimentos.

***Quantitative easing* (QE):** Um instrumento de política monetária pelo qual o banco central adquire ativos como títulos, a fim de injetar liquidez na economia.

SAFE ("Security Action For Europe"): programa europeu de 150 mil milhões de euros destinado a facilitar a aquisição conjunta de armas pelos Estados-Membros da UE. Faz parte de um plano mais vasto de rearmamento do continente apresentado pela Comissão Europeia e que tem por objetivo mobilizar até 800 mil milhões de euros.

SEC (Securities and Exchange Commission): A SEC é uma agência federal independente com responsabilidade pelo funcionamento ordenado dos mercados de valores mobiliários dos EUA.

***Spread* (ou *spread* de crédito):** Um *spread* é a diferença entre dois ativos, tipicamente entre taxas de juro, como aquelas de títulos corporativos sobre um título do governo.

SRI: Investimentos Sustentáveis e Responsáveis.

Taxa de swap a termo de cinco anos sobre cinco anos: Métrica de mercado que mede a expectativa de inflação anual média num período de cinco anos a partir de cinco anos no futuro. Dá uma ideia de como as expectativas de inflação podem mudar no futuro.

Value: Estilo *Value* refere-se a empresas que parecem ser negociadas a um preço mais baixo em relação a seus fundamentos. Características comuns das ações *Value* incluem alto rendimento de dividendos, relação baixa de preço sobre o valor patrimonial e relação baixa de preço sobre lucro.

VIX: O índice da volatilidade implícita do índice S&P 500. Mede as expectativas dos operadores de bolsa de 30 dias de volatilidade, com base em opções de índice.

08 TERMO DE RESPONSABILIDADE

Este documento intitulado "House View" (a "brochura") é publicado apenas para fins de comunicação de marketing.

Os idiomas em que é redigida fazem parte dos idiomas de trabalho da Indosuez Wealth Management.

As informações publicadas nesta brochura não foram revisadas, nem estão sujeitas à aprovação ou autorização de qualquer autoridade reguladora ou de mercado, em qualquer jurisdição.

A brochura não é destinada a pessoas de nenhum país em particular.

A brochura não se destina a pessoas que são cidadãs, domiciliadas ou residentes em um país ou jurisdição onde sua distribuição, publicação, disponibilidade ou uso possam violar as leis ou regulamentos em vigor.

Este documento não constitui ou contém uma oferta ou convite para comprar ou vender qualquer instrumento financeiro e/ou serviço de qualquer natureza. Da mesma forma, ele não constitui, de forma alguma, uma estratégia, recomendação ou assessoria de investimento ou desinvestimento, geral ou personalizada, assessoria jurídica ou fiscal, assessoria de auditoria ou qualquer outra assessoria de natureza profissional. Nenhuma representação é feita quanto à adequação ou adequabilidade de qualquer investimento ou estratégia em relação a circunstâncias individuais, ou de que qualquer investimento ou estratégia constitui assessoria de investimento personalizada para qualquer investidor.

A data relevante neste documento é, salvo indicação em contrário, a data de edição mencionada na última página deste termo. As informações nele contidas são baseadas em fontes consideradas fidedignas. Envidaremos todos os esforços para garantir a pontualidade, precisão e abrangência das informações contidas neste documento. Todas as informações, bem como o preço, as avaliações de mercado e os cálculos aqui indicados estão sujeitos a alteração sem aviso prévio. Os preços e desempenhos passados não são necessariamente um guia para os preços e desempenhos futuros.

Os riscos incluem, entre outros, riscos políticos, riscos de crédito, riscos cambiais, riscos econômicos e riscos de mercado. Antes de realizar qualquer transação, deve consultar seu consultor de investimento e, quando necessário, obter assessoria profissional independente relativamente aos riscos, bem como a todas as consequências jurídicas, regulamentares, de crédito, tributárias e contábeis. É aconselhável entrar em contato com seus consultores usuais para tomar suas decisões de forma independente considerando sua situação financeira particular e seu conhecimento e experiência.

As taxas de câmbio em moeda estrangeira podem afetar adversamente o valor, preço ou receita do investimento, quando este é realizado e convertido de volta para a moeda base do investidor.

CA Indosuez, sociedade francesa, holding do negócio de gestão de fortunas do grupo Crédit Agricole e suas subsidiárias ou entidades relacionadas, nomeadamente CA Indosuez (Switzerland) SA, CA Indosuez Wealth (Europe), CFM Indosuez Wealth, suas respectivas subsidiárias, filiais e escritórios de representação, onde quer que estejam, operam sob a marca única da Indosuez Wealth Management. Cada uma das subsidiárias, suas próprias subsidiárias, filiais e escritórios de representação, bem como cada uma das outras entidades da Indosuez Wealth Management, são designadas individualmente por "Entidades" e coletivamente por "Entidades".

As Entidades ou seus respetivos acionistas, bem como seus próprios acionistas, subsidiárias e, mais geralmente, as empresas do grupo Crédit Agricole SA ("Grupo") e, respectivamente, seus diretores, gestores seniores ou funcionários podem, individualmente ou em nome e representação de terceiros, realizar transações com os instrumentos financeiros descritos na brochura, deter outros instrumentos financeiros em relação ao emissor ou ao fiador desses instrumentos financeiros, ou prestar ou procurar prestar serviços de valores mobiliários, serviços financeiros ou qualquer outro tipo de serviço para ou dessas Entidades. Quando uma Entidade e/ou uma entidade do Grupo Crédit Agricole atua como consultor e/ou gestor de investimentos, administrador, distribuidor ou agente de colocação para determinados produtos ou serviços mencionados na brochura, ou realiza outros serviços em que uma Entidade ou o Grupo Crédit Agricole detém ou pode deter um interesse, direto ou indireto, sua Entidade dará sempre prioridade ao interesse do investidor.

Alguns investimentos, produtos e serviços, incluindo a custódia, podem estar sujeitos a restrições legais e regulamentares, ou podem não estar disponíveis em todo o mundo de forma irrestrita, tendo em conta a lei de seu país de origem ou país de residência, ou de qualquer outro país com o qual possa ter laços. Em especial, os produtos ou serviços apresentados na brochura não se destinam a residentes dos EUA e do Canadá. Os produtos ou serviços podem ser fornecidos pelas Entidades de acordo com seus preços e condições contratuais, em conformidade com as leis e regulamentos aplicáveis, e sujeitos a suas respetivas licenças. Podem ser modificados ou retirados a qualquer momento sem qualquer notificação.

Entre em contato com seu gerente de relacionamento para mais informações.

De acordo com os regulamentos aplicáveis, cada Entidade disponibiliza a brochura:

- **Na França:** a brochura é distribuída por CA Indosuez, uma sociedade anónima de responsabilidade limitada sob a lei francesa, com um capital social de 853.571.130 euros, empresa-mãe do grupo Indosuez e uma instituição bancária de serviços completos autorizada a fornecer serviços de investimento e corretagem de seguros, cuja sede está localizada em 17, rue du Docteur Lancereaux, 75008 Paris, França, registada no Registo Comercial e de Empresas de Paris sob o número 572 171 635 (número de identificação individual de IVA: FR 075 72 17 16 35).
- **No Luxemburgo:** a brochura é distribuída por CA Indosuez Wealth (Europa), sociedade anónima de direito luxemburguês, com sede social em 2520 allée Scheffer L-986 Luxemburgo, inscrita no Registo Comercial sob o número B91.986 e que possui a condição de entidade de crédito autorizada estabelecida no Luxemburgo e supervisionada pela Comissão de Supervisão do Setor Financeiro (CSSF).
- **Em Espanha:** a brochura é distribuída por CA Indosuez Wealth (Europe) Sucursal em Espanha, supervisionada pelo Banco de Espanha (www.bde.es) e pela Comissão Nacional do Mercado de Valores (CNMV, www.cnmv.es), uma sucursal da CA Indosuez Wealth (Europe). Morada: Paseo de la Castellana número 1, 28046 Madrid (Espanha), registada no Banco de Espanha com o número 1545. Inscrita no Registo Comercial de Madrid com o número T 30.176, F 1, S 8, H M-543170, NIF.
- **Na Itália:** a brochura é distribuída por CA Indosuez Wealth (Europa), sucursal da Itália com sede em Piazza Cavour 2, Milão, Itália, registrada no Register of Banks no. 8097, código tributário e número de registro no Registro de Empresas de Milão, Monza Brianza e Lodi n. 97902220157.
- **Em Portugal:** a brochura é distribuída por CA Indosuez Wealth (Europe), Sucursal em Portugal, situada na Avenida da Liberdade,190, 2.° B - 1250-147 Lisboa, Portugal, inscrita no Banco de Portugal sob o número 282, número fiscal 980814227.
- **Na Bélgica:** a brochura é distribuída pelo Banque Degroof Petercam SA, localizado na rue de l'Industrie 44, 1040 Bruxelas, Bélgica, registado no Registo Comercial sob o número 0403 212 172, registado na Banque-Carrefour des Entreprises (base de dados de empresas belgas) sob o número de IVA BE 0403 212 172 (RPM Bruxelas).
- **Na União Europeia:** a brochura pode ser distribuída pelas Entidades da Indosuez Wealth Management autorizadas a fazê-lo ao abrigo da Prestação Gratuita de Serviços.
- **No Mónaco:** a brochura é distribuída por CFM Indosuez Wealth, 11, Boulevard Albert 1er- 98000 Mónaco, registrada no Registro de Indústria e Comércio de Mónaco sob o número 56S00341, acreditação: CE/2012-08.
- **Na Suíça:** a brochura é distribuída por CA Indosuez (Switzerland) SA, Quai Général-Guisan 4, 1204 Genebra, e pela CA Indosuez Finanziaria SA, Via F. Pelli 3, 6900 Lugano, bem como por suas respetivas sucursais e/ou agências suíças. A brochura é material de marketing e não constitui o produto de uma análise financeira, nos termos das diretivas da Associação Suíça de Banqueiros (ASB) relativa à independência da análise financeira, tal como concebida pela lei suíça. Consequentemente, essas diretivas não são aplicáveis aà brochura.
- **Em Hong Kong Região administrativa especial:** a brochura é distribuída pela filial de Hong Kong da CA Indosuez (Switzerland) SA, Suite 2918, Two Pacific Place - 88 Queensway – Hong Kong. Nenhuma das informações contidas na brochura constitui uma recomendação de investimento. A brochura não foi encaminhada à Comissão de Valores Mobiliários e Futuros (SFC) ou a qualquer outra autoridade reguladora em Hong Kong. a brochura e os produtos mencionados não foram autorizados pela SFC nos termos das Seções 103, 104, 104A ou 105 da Lei de Valores Mobiliários e Futuros (Cap. 571) (SFO).
- **Em Singapura:** a brochura é distribuída pela filial de Singapura do CA Indosuez (Switzerland) SA, 2 Central Boulevard, West Tower #12-02, IOI Central Boulevard Towers, 018916 Singapour. Em Singapura, a brochura destina-se apenas a investidores credenciados, investidores institucionais ou investidores especializados, conforme definido pela Lei de Valores Mobiliários e Futuros 2001, de Singapura. Para quaisquer perguntas relativas à brochura, os destinatários em Singapura podem entrar em contato com a filial de Singapura da CA Indosuez (Switzerland) SA.
- **No DIFC:** a distribuição da brochura é feita por CA Indosuez (Switzerland) SA, DIFC Branch, Al Fattan Currency House, Tower 2 – Level 23 Unit 4 DIFC PO Box 507232 Dubai – EAU, uma empresa regulamentada pela Autoridade de Serviços Financeiros de Dubai ("DFSA"). Esta brochura é voltada somente a clientes profissionais e/ou contrapartes de mercado e nenhuma outra pessoa deve agir com base nesse documento. Os produtos ou serviços financeiros aos quais esta publicação se relaciona somente estarão disponíveis a clientes que cumprirem com os requisitos de cliente profissional e/ou contraparte de mercado segundo a DFSA. Esta brochura é fornecida somente para fins informativos. Ela não deve ser interpretada como uma oferta de compra ou venda ou solicitação de uma oferta para compra ou venda de quaisquer instrumentos financeiros ou para participação de qualquer estratégia de negociação específica em qualquer jurisdição.
- **Nos EAU:** a brochura é distribuída pelo escritório de representação da CA Indosuez (Switzerland) SA, Abu Dhabi, Zayed - The 1st Street - Nayel & Bin Harmal Tower, 5th Floor office 504, P.O. Box 44836 Abu Dhabi, Emirados Árabes Unidos. A CA Indosuez (Switzerland) SA opera nos Emirados Árabes Unidos (EAU) através do seu escritório de representação, que está sob a autoridade de supervisão do Banco Central dos EAU. De acordo com as regras e regulamentos aplicáveis nos EAU, o escritório de representação da CA Indosuez (Switzerland) SA não pode exercer nenhuma atividade bancária. O escritório de representação só pode comercializar e promover atividades e produtos da CA Indosuez (Switzerland) SA. A brochura não constitui uma oferta a pessoa determinada ou ao público em geral, nem um convite para apresentar uma oferta. É distribuído em uma base privada, e não foi revisado ou aprovado pelo Banco Central dos EAU ou outra autoridade reguladora dos EAU.
- **Outros países:** as leis e regulamentos de outros países também podem limitar a distribuição desta brochura. As pessoas em posse desta brochura devem informar-se sobre quaisquer restrições legais e respeitá-las.

A brochura não pode ser fotocopiada, reproduzida ou distribuída, no todo ou em parte, seja de que forma for, sem o acordo prévio do seu Banco.

© 2026, CA Indosuez (Switzerland) SA/todos os direitos reservados.

Fotos: AdobeStock.

Editado a 23.10.2026.



Presença internacional

A NOSSA HISTÓRIA

O Indosuez Wealth Management é a marca internacional de Gestão de Fortuna do grupo Crédit Agricole, o 10.º maior banco do mundo em termos de balanço (The Banker 2025).

Há mais de 150 anos que o Indosuez Wealth Management acompanha grandes clientes privados, famílias, empreendedores e investidores profissionais na gestão do seu património privado e profissional. O banco oferece uma abordagem personalizada, que permite a cada um dos seus clientes preservar e desenvolver o seu património de acordo com as suas aspirações. As suas equipas oferecem um continuum de serviços e ofertas que integram Consultoria, Financiamento, Soluções de Investimento, *Fund servicing*, Soluções tecnológicas e bancárias.

O Indosuez Wealth Management reúne mais de 4.300 colaboradores em 15 territórios no mundo: na Europa (Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Itália, Luxemburgo, Países Baixos, Portugal, Mónaco e Suíça), na Ásia-Pacífico (Hong Kong RAE, Nova Caledónia e Singapura) e no Médio Oriente (Abu Dhabi, Dubai).

Com 215 mil milhões de euros em ativos de clientes até ao final de dezembro de 2024, o Indosuez Wealth Management está entre os líderes europeus na gestão de patrimónios.

Mais informações em https://ca-indosuez.com/

INDOSUEZ WEALTH MANAGEMENT

O Indosuez Wealth Management conta com uma herança excepcionalmente rica, baseada em relacionamentos de longo prazo, experiência financeira e na nossa rede financeira internacional:

Ásia Pacífico

HONG KONG RAE
Suite 2918, Two Pacific Place - 88 Queensway
Hong Kong
T. +852 37 63 68 68

NOUMÉA
Le Commodore - Promenade Roger Laroque,
Anse Vata
98800 Nouméa - Nova Caledônia
T. +687 27 88 38

SINGAPURA
2 Central Boulevard, West Tower #12-02,
IOI Central Boulevard Towers,
018916 Singapura
T. +65 64 23 03 25

Europa

BRUXELAS
Rue de l'Industrie 44
1000 Bruxelas - Bélgica
T. +32 2 287 91 11

GENEBRA
Quai Général-Guisan 4
1204 Genebra - Suíça
T. +41 58 321 90 00

LISBOA
Avenida da Liberdade, n.°190, 2°B
1250 - 147 Lisboa - Portugal
T. +351 211 255 360

LUXEMBURGO
39, Allée Scheffer
L-2520 Luxemburgo
T. +352 24 67 1

MADRID
Paseo de la Castellana 1
28046 Madrid - Espanha
T. +34 91 310 99 10

MILÃO
Piazza Cavour 2
20121 Milão - Itália
T. +39 02 722 061

MÓNACO
11, Boulevard Albert 1er
98000 Mónaco
T. +377 93 10 20 00

PARIS
17, Rue du Docteur Lancereaux
75008 Paris - França
T. +33 1 40 75 62 62

Médio Oriente

ABU DHABI
Zayed - The 1st Street -
Nayel & Bin Harmal Tower,
5th Floor office 504
PO Box 44836 Abu Dhabi
T. +971 2 631 24 00

DIFC
Al Fattan Currency House, Tower 2
Level 23 Unit 4 DIFC
PO Box 507232 Dubai
T. +971 4 350 60 00